

---

**ARQUITETURA E MÚSICA:  
POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A ARTE VISUAL E A ARTE AUDITIVA**

Ligia Grotti Martins<sup>1</sup>  
Joseane Pivetta<sup>2</sup>

**RESUMO**

O estudo “Arquitetura e Música: possíveis relações entre a arte visual e a arte auditiva” apresenta ambas as artes como meios de expressão que apesar de ocuparem lados opostos entre o material e o imaterial apresentam pontos convergentes e relações possíveis de serem feitas. Este estudo teve como objetivo apresentar essas relações a partir de análise e interpretações de bibliografias referentes aos temas. Os pontos analisados são referentes as afinidades que puderam ser analisadas tanto do ponto construtivo quanto relacionadas a sensações de forma a apresentar diversas semelhanças entre as duas artes.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Música. Arte. Relações.

45

**ABSTRACT**

The study “Architecture and music: possible relations between the visual arts and the audible art” presents both arts as means of expression that although they occupy opposite sides of the material and immaterial have converging points and possible relations to be made. This study aimed to present these relations through analysis and interpretations of bibliographies. The points discussed are about the affinities that could be analyzed both from the construction point as related to sensations in order to present a number of similarities between the two arts.

**Keywords:** Architecture. Music. Art. Relations.

Arquitetura e música são manifestações culturais produzidas pelo homem, apresentam suas especificidades e constituem áreas do conhecimento próprias e distintas. Apesar de ocuparem lados opostos entre o material e o imaterial, Novak (1991) declara que em sua essência, arquitetura excede a construção e a música ultrapassa o som.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unifil. E-mail: ligia\_gmartins@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unifil. E-mail: joseane.pivetta@unifil.br

Rabelo (2007) afirma que a relação mais direta entre arquitetura e música está na matemática, em elementos da geometria e da aritmética. Na tradição de Pitágoras, matemático grego, a geometria era a grandeza em descanso, a aritmética, os números absolutos e a música, os números aplicados.

Os gregos antigos acreditavam que o mundo era regido pela harmonia e a música era sua maior expressão e entendiam que todas as artes partilhavam de um princípio em comum, os números. Contar, medir e numerar são critérios usados para avaliar as artes ainda nos dias de hoje.

Esse pensamento que permeava todo a cultura clássica estendeu-se também na arquitetura. Os Pitagóricos foram os precursores na descoberta da razão conhecida como seção áurea, encontrada nos mais diversos padrões da natureza.

Outro princípio descoberto, foi a série de Fibonacci, formulada por Leonardo Pisano Fibonacci, sendo bastante utilizada na arquitetura e na música na antiguidade até os dias atuais.

Outra forma de relacionar música e arquitetura é através do sentimento. Tanto a música quanto a arquitetura podem ser sentidas. A música é um objeto subjetivo, Wisnik (1989) afirma que, apesar de não podermos toca-la ela nos toca de forma precisa. Como experiência de mundo, o som projeta os sentidos.

Da mesma forma a arquitetura, conforme Rasmussen (1986), não é feita somente pela adição de planos e seções. Não há como explica-la de forma precisa, pois de modo geral, a arte não deve ser explicada e sim sentida e as características da arquitetura são um meio de comunicar os sentimentos. Não é suficiente somente vê-la, é preciso vivencia-la.

Assim como a arquitetura liga-se a música pelo sentimento, elas também têm em comum o fato de poderem ser ouvidas. A música é ouvida de acordo com a aptidão de cada um. De acordo com Copland (1974), a música é escutada em três planos. O plano sensível, relacionado a atração do som, é a maneira mais simples de ouvir, sem tomar muita consciência. O plano expressivo diz respeito ao significado da música, os sentimentos transmitidos por ela e o plano puramente musical pertinente as próprias notas e sua manipulação. A música nunca é ouvida em apenas um desses planos, eles são sempre combinados.

A arquitetura também pode ser ouvida. Rasmussen (1986) declara que a impressão total de um ambiente acontece devido a contribuição de todos os sentidos.

Para Zumthor (2006), cada espaço funciona como um grande instrumento que coleciona, amplia e transmite os sons, devido a sua forma, superfície dos materiais e como estão fixos.

Outra maneira para relacionar arquitetura e música é através da tradução dos elementos que compõe a música para elementos concretos que compõem a arquitetura. A música é composta por quatro elementos, ritmo, melodia, harmonia e timbre.

O ritmo, de acordo com Med (1996), é referente a ordem e proporção em que estão dispostos os sons, provem da noção de duração, sendo uma forma ordenada e regular de medir o tempo. Ele se refere a pulsação, qualquer movimento marcado pela repetição de componentes. Ele envolve o elemento tempo e é baseado no movimento. Mas, para Rasmussen (1986) a arquitetura não tem dimensão temporal ou movimento, portanto não apresenta o ritmo da mesma forma que a música.

47

A forma mais simples de apresentar o ritmo na arquitetura é através da repetição regular de um elemento, que transmite a ideia de ordem. Ele pode ser percebido na composição com vigas e pilares, na formação de módulos e nos padrões formados por janelas, ou ainda na sequência dos ambientes no interior do edifício.

A melodia, para Med (1996), é o conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva, é uma sequência de notas e é composta através de variações dentro de uma série definida, onde as notas são conectadas e se repetem de acordo com os altos e baixos da música, é a concepção horizontal da música.

Na arquitetura, a melodia pode ser associada a organização geral da forma e através das linhas e planos horizontais. De acordo com Zevi (1978), a linha horizontal, na arquitetura se relaciona com o racional.

Comparada com o ritmo e a melodia, Copland (1974) diz que a harmonia é o elemento mais sofisticado. Ela é o conjunto de sons dispostos em ordem simultânea, a percepção vertical da música e tem relação com a escala que se refere a uma série de notas musicais que ocorrem de maneira ascendente ou descendente, permitindo o movimento da composição.

A harmonia na arquitetura pode ser representada através das linhas e planos verticais e mostrar a relação de escala e altura das formas. Zevi (1978) afirma que a linha vertical simboliza o infinito, iludindo acerca do comprimento e a escala é um elemento essencial na arquitetura e significa a dimensão relativa ao homem.

Por fim o timbre, que na música trata de diferentes intensidades e alturas dos sons, que segundo Copland (1974) é a qualidade do som produzido por um determinado instrumento sendo uma característica específica de cada som. Pode ser considerado a cor do som.

Na arquitetura, o timbre pode ser traduzido nas texturas dos materiais que dão identidade a edificação. Novak (1991) afirma que a distribuição dos materiais e texturas pode enriquecer o espaço e que a arquitetura é orquestrada pelos materiais.

Assim, apesar de serem artes distintas, as relações possíveis de serem feitas entre arquitetura e m são diversas e suas afinidades passam do material ao imaterial com conexões voltadas para pontos tanto construtivos quanto relacionado a sensações.

48

## REFERÊNCIAS

COPLAND, Aaron. **Como ouvir e entender música**. Brasil: Artenova, 1974. 216 p.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4. ed. Brasília: Musimed, 1996. 420 p.

NOVAK, Marcos. **The Music of Architecture: computation and composition**. Cambridge: MIT Press, 1991. 22 p.

RABELO, Frederico André. **Arquitetura e Música: interseções polifônicas**. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – MINTER UFRGS/UCG, Goiânia, 2007.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 231 p.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 283 p.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978. 217 p.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Editorial GG, 2006. 76 p.